



TATIANA BELINKY

Tatu na casca

ILUSTRAÇÕES: Cris Eich

PROJETO DE LEITURA

Maria José Nóbrega
Alfredina Nery

De Leitores e Asas

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*“Andorinha no coqueiro,
Sabiá na beira-mar,
Andorinha vai e volta,
Meu amor não quer voltar.”*

[]

Numa primeira dimensão, ler pode ser entendido como decifrar o escrito, isto é, compreender o que letras e outros sinais gráficos representam. Sem dúvida, boa parte das atividades que são realizadas com as crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental têm como finalidade desenvolver essa capacidade.

Ingenuamente, muitos pensam que, uma vez que a criança tenha fluência para decifrar os sinais da escrita, pode ler sozinha, pois os sentidos estariam lá, no texto, bastando colhê-los.

Por essa concepção, qualquer um que soubesse ler e conhecesse o que as palavras significam estaria apto a dizer em que lugar estão a andorinha e o sabiá; qual dos dois pássaros vai e volta e quem não quer voltar. Mas será que a resposta a estas questões bastaria para assegurar que a trova foi compreendida? Certamente não. A compreensão vai depender, também, e muito, do que o leitor já souber sobre pássaros e amores.

Isso porque muitos dos sentidos que depreendemos ao ler derivam de complexas operações cognitivas para produzir inferências. Lemos o que está nos intervalos entre as palavras, nas entrelinhas, lemos, portanto, o que não está escrito. É como se o texto apresentasse lacunas que deveriam ser preenchidas pelo trabalho do leitor.

Se retornarmos à trova acima, descobriremos um “eu” que associa pássaros à pessoa amada. Ele sabe o lugar em que está a andorinha e o sabiá; observa que as andorinhas migram, “vão e voltam”, mas diferentemente destas, seu amor foi e não voltou.

Apesar de não estar explícita, percebemos a comparação entre a andorinha e a pessoa amada: ambas partiram em um dado momento. Apesar de também não estar explícita, percebemos a oposição entre elas: a andorinha retorna, mas a pessoa amada “não quer voltar”. Se todos estes elementos que podem ser deduzidos pelo trabalho do leitor estivessem explícitos, o texto ficaria mais ou menos assim:

*Sei que a andorinha está no coqueiro,
e que o sabiá está na beira-mar.
Observo que a andorinha vai e volta,
mas não sei onde está meu amor que partiu e não quer voltar.*

O assunto da trova é o relacionamento amoroso, a dor-de-cotovelo pelo abandono e, dependendo da experiência prévia que tivermos a respeito do assunto, quer seja esta vivida pessoalmente ou “vivida” através da ficção, diferentes emoções podem ser ativadas: alívio por estarmos próximos de quem amamos, cumplicidade por estarmos distantes de quem amamos, desilusão por não acreditarmos mais no amor, esperança de encontrar alguém diferente...

Quem produz ou lê um texto o faz a partir de um certo lugar, como diz Leonardo Boff*, a partir de onde estão seus pés e do que vêem seus olhos. Os horizontes de quem escreve e os de quem lê podem estar mais ou menos próximos. Os horizontes de um leitor e de outro podem estar mais ou menos próximos. As leituras produzem interpretações que produzem avaliações que revelam posições: pode-se ou não concordar com o quadro de valores sustentados ou sugeridos pelo texto.

Se refletirmos a respeito do último verso “meu amor não quer voltar”, podemos indagar, legitimamente, sem nenhuma esperança de encontrar a resposta no texto: por que ele ou ela não “quer” voltar? Repare que não é “não pode” que está escrito, é “não quer”, isto quer dizer que poderia, mas não quer voltar. O que teria provocado a separação? O amor acabou. Apaixonou-se por outra ou outro? Outros projetos de vida foram mais fortes que o amor: os estudos, a carreira, etc. O “eu” é muito possessivo e gosta de controlar os passos dele ou dela, como controla os da andorinha e do sabiá?

* “Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.” *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana* (37ª edição, 2001), Leonardo Boff, Editora Vozes, Petrópolis.

Quem é esse que se diz “eu”? Se imaginarmos um “eu” masculino, por exemplo, poderíamos, num tom machista, sustentar que mulher tem de ser mesmo conduzida com rédea curta, porque senão voa; num tom mais feminista, poderíamos dizer que a mulher fez muito bem em abandonar alguém tão controlador. Está instalada a polêmica das muitas vozes que circulam nas práticas sociais...

Se levamos alguns anos para aprender a decifrar o escrito com autonomia, ler na dimensão que descrevemos é uma aprendizagem que não se esgota nunca, pois para alguns textos seremos sempre leitores iniciantes.

[]

DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

— UM POUCO SOBRE O AUTOR

Contextualiza-se o autor e sua obra no panorama da literatura para crianças.

— RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para permitir que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa considerar a pertinência da obra levando em conta as necessidades e possibilidades de seus alunos.

— COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Procuramos evidenciar outros aspectos que vão além da trama narrativa: os temas e a perspectiva com que são abordados, certos recursos expressivos usados pelo autor. A partir deles, o professor poderá identificar que conteúdos das diferentes áreas do conhecimento poderão ser explorados, que temas poderão ser discutidos, que recursos lingüísticos poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora do aluno.

— PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Ao ler, mobilizamos nossas experiências para compreendermos o texto e apreciarmos os recursos estilísticos utilizados pelo autor. Folheando o livro, numa rápida leitura preliminar, podemos antecipar muito a respeito do desenvolvimento da história.

As atividades propostas favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários para que os alunos compreendam o texto.
- Antecipação de conteúdos do texto a partir da observação de indicadores como título (orientar a leitura de títulos e subtítulos), ilustração (folhear o livro para identificar a localização, os personagens, o conflito).
- Explicitação dos conteúdos que esperam encontrar na obra levando em conta os aspectos observados (estimular os alunos a compartilharem o que forem observando).

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos significados do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.

c) depois da leitura

Propõem-se uma série de atividades para permitir uma melhor compreensão da obra, aprofundar o estudo e a reflexão a respeito de conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como debater temas que permitam a inserção do aluno nas questões contemporâneas.

- Compreensão global do texto a partir da reprodução oral ou escrita do texto lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- Apreciação dos recursos expressivos mobilizados na obra.
- Identificação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Explicitação das opiniões pessoais frente a questões polêmicas.
- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar ou para a produção de outros textos ou, ainda, para produções criativas que contemplem outras linguagens artísticas.

— LEIA MAIS...

- do mesmo autor
- sobre o mesmo assunto
- sobre o mesmo gênero



Tatu na casca

TATIANA BELINKY



UM POUCO SOBRE A AUTORA

Nascida na Rússia, Tatiana chegou ao Brasil em 1919, com dez anos de idade. Veio com seus pais e dois irmãos menores. Com essa idade, já tinha lido muitos livros e poemas maravilhosos; um deles, de belos contos russos, que trouxera na viagem, conserva até hoje...

Em São Paulo, cresceu, estudou, casou com um médico santista e teve dois filhos, cinco netos e três bisnetos — dois meninos e uma menina.

Tatiana nunca parou de ler. E, de tanto ler de tudo, começou a inventar e a escrever suas próprias histórias e versos. Isso, além de contar, traduzir e adaptar para a televisão muitas histórias, transformando-as em teleteatro, como “roteirista” de seriados, por exemplo, *O Sítio do Picapau Amarelo* — o que fez por mais de doze anos.

E então, certo dia, foi convidada por uma grande editora para escrever uma história para uma série infanto-juvenil — e não parou mais, para alegria de seus leitores.



RESENHA

A história começa depois que o Saci, ao pedir fogo para seu cachimbo, acaba pregando um enorme susto em um roceiro que voltava do trabalho. O danado caminhava feliz da vida “tirando baforadas do pito” quando encontrou o Caipora que andava atrás de uns caçadores para castigá-los, porque tinham matado animais em quantidade bem maior do que precisavam para comer. A manança tinha sido feia: sete cutias, quatro tatus, além de três pacas com filhotes e um veadinho que estava desgarrado do bando.

Quando o Caipora segue seu caminho, o Saci vai atrás dele para ver o que ele vai fazer quando se deparar com os malvados caçadores.

Encontram-nos acampados em uma clareira, assando um tatu em sua própria carapaça. O Caipora apaga a fogueira, bate nos cachorros, espanta os caçadores que fogem assustados, largando tudo para trás. Em seguida, ressuscita, com seu ferrão mágico, os bichos abatidos. O tatu, no entanto, continua no espeto. O Caipora grita mais alto: “Upa! Vambora, Tatu!”, conseguindo fazer o coitado, meio assado, correr e se salvar. O Saci assiste a tudo com entusiasmo, aplaudindo o Caipora.



COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

As lendas e mitos do folclore brasileiro representam uma riqueza narrativa sem fim. As várias histórias do Caipora — nosso “primeiro ecologista”, como diz Tatiana Belinky — embalam a imaginação de muitas gerações de brasileiros, há muito tempo. Essa versão é mais uma divertida história do defensor da flora e da fauna do Brasil. A agilidade da narrativa combina com a rapidez da ação do Caipora, apimentada por um Saci, espectador, que a tudo observa e com tudo se diverte.

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, História

Temas transversais: Meio ambiente, Pluralidade cultural

Público-alvo: leitor em processo



PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura:

1. Promova com os alunos uma sessão de “contação” de histórias brasileiras: mitos, lendas e causos.
2. Verifique quais versões do Caipora os alunos conhecem. Compare essas histórias conhecidas pelos alunos com alguma versão escrita a que você, professor, tenha acesso.
3. Proponha aos alunos que façam uma lista de animais que vivem nas matas e que eles conheçam. Depois, comparem com o levantamento dos animais que estão no texto, que são chamados de “bichos de pele, de couro e de chifre”.

Durante a leitura:

Proponha aos alunos a leitura integral da história, com atenção para:

- o papel do Caipora como protetor das matas e dos bichos da floresta;
- a descrição física do Caipora;
- a participação do Saci como espectador.

Depois da leitura:

1. Peça aos alunos que enumerem a seqüência dos fatos narrados:

Seqüência dos episódios	Principais episódios do livro
	O Caipora assusta os caçadores e salva os bichos.
	O Saci espanta o roceiro para acender seu cachimbo.
	O tatu assado na casca foi o último a ser salvo.
	O Saci encontra o Caipora.
	O Saci pulou de alegria quando viu o Caipora salvar os bichos.

2. Concluído o trabalho, convide-os a localizar as ilustrações que correspondem a cada um desses episódios.

Principais episódios	Páginas em que se encontram as ilustrações correspondentes
O Saci espanta o roceiro para acender seu cachimbo.	4 e 5
O Saci encontra o Caipora.	8 a 17
O Caipora assusta os caçadores e salva os bichos.	22 a 27
O tatu assado na casca foi o último a ser salvo.	28 e 29
O Saci pulou de alegria quando viu o Caipora salvar os bichos.	30 e 31

Aproveite para observar os aspectos que foram privilegiados pelas ilustrações criadas por Cris Eich.

3. Leve os alunos à biblioteca da escola e peça para localizarem livros em que haja ilustrações do Caipora. Compare as várias concepções pictóricas do personagem. Algumas vezes ele é um menino peludo, de cabelos avermelhados e dentes verdes. Outras vezes é um duende sem cabelos. Em outras, ainda, é um anão ou um caboclinho.

Se quiser, faça o mesmo com as ilustrações do Saci.

4. O Saci, quando encontra o Caipora, pergunta se os caçadores desobedeceram à lei dele. O Caipora responde que sim. Que leis seriam essas?

Verifique se conseguem inferir, a partir dos comentários do Caipora (página 14), algumas dessas leis:

- Só se deve matar o estritamente necessário para se comer (“Os danados mataram sete cutias, quando precisavam só de uma para comer...”).

- Não se devem abater fêmeas com crias (“Atiraram em três pacas com filhotes, deixando órfãos os coitadinhos!”).

- Não se devem abater filhotes... (“Balearam um veadinho perdido, desgarrado do bando”).

Um jeito interessante de realizar essa reflexão é propor que os alunos redijam o regulamento do Caipora. Se possível, leve alguns exemplos para que eles se apropriem da estrutura textual dos regulamentos: “Artigo 1º”, “Artigo 2º” e assim por diante.

Estimule-os a pensar em outras “leis” que o Caipora não disse, mas que certamente devem fazer parte do seu regulamento.

Proceda à análise das contribuições dos alunos, adequando regras semelhantes ou eliminando as repetidas.

Depois de elaborado, o regulamento deve ser colocado num cartaz fora da sala de aula, como forma de divulgar o livro lido.

5. Organize a turma em duplas e sugira que inventem outra pequena história com o Caipora aplicando outro castigo nas pessoas que afrontam a natureza. Concluída a primeira versão, procedam às necessárias reformulações e revisões dos textos, até que possam ser publicados, isto é, tornados públicos. Façam um varal fora da sala de aula com essas novas aventuras do Caipora.

6. Curupira, Caipora e Caapora são nomes do mesmo personagem do folclore brasileiro. Os nomes têm origem no tupi-guarani. O primeiro é formado por “curu” (= menino) + “pira” (= corpo). O segundo e o terceiro vêm de “caã” (= mato) + “porá” (= habitante). Discuta com os alunos como essas origens estão relacionadas com as características e com o papel dessa figura folclórica.

7. O Curupira anda solto pelas “matas” da internet. Conheça mais sobre esse incrível personagem e saboreie outras aventuras visitando os *sites*:

<http://www.floresta.ufpr.br/~paisagem/curiosidades/caipora.htm>

http://www.ifolclore.com.br/lendas/no/no_caipora.htm

<http://sitededicadas.uol.com.br/folk02.htm>



LEIA MAIS...

1. DA MESMA AUTORA

- *Caldeirão de poemas* — São Paulo, Editora Companhia das Letrinhas
- *Desastreliques* — São Paulo, Editora José Olympio
- *Saladinha de queixas* — São Paulo, Editora Moderna
- *O caso do bolinho* — São Paulo, Editora Moderna

2. SOBRE O MESMO ASSUNTO

- *Curupira* — Roger Mello, Rio de Janeiro, Editora Manati
- *Lendas e causos da caipora* — Flávio de Souza, São Paulo, Editora Companhia das Letrinhas
- *A hora da caipora* — Regina Chamlian, São Paulo, Editora Ática.